Geoesias: as Geografias Africanas das poesias

Geny Ferreira Guimarães*

Professora de Geografia, Mestre em Ciências Sociais, Especializações em Gestão Ambiental, Relações Internacionais e História, Cultura e Literaturas Africanas. Correio Eletrônico: genybr@yahoo.com.br.

A Literatura pode ser utilizada para descrever, expressar, traduzir o que se pensa, sente e experimenta. Afinal, não se pode limitar as formas e usos da Literatura, pois esta é livre e liberta. As amarras e grilhões pertencem a momentos e lugares que estão no passado, apesar de resistirem na história e memória até os dias de hoje. A liberdade literária invade lugares, paisagens, pessoas, natureza, sentimentos, pensamentos etc. Por outro lado, a Geografia sempre foi intitulada como a ciência dos espaços geográficos. Cada qual com seu papel. O fato é que os papéis se misturam entre as duas áreas do conhecimento. Este artigo representa uma tentativa de relacionar a Geografia com a Literatura e o que ambas tem em comum ao expressar o pensamento. Mostrando algumas relações da Geografia com a Literatura para pensar lugares e as da Literatura com a Geografia para localizar pensamentos. E, as poéticas das Literaturas Africanas e Afro-brasileira são exemplos da relação entre palavras e lugares.

Palavras-chave: Geografia; Poética; Africana; Afro-brasileira; Cabo Verde.

Introdução

A Geografia considerada a ciência dos lugares e do espaço geográfico faz parte do cotidiano das pessoas, assim como todas as ciências, incluindo a Literatura, porém este fato é pouco percebido pela maioria das pessoas. Considera-se que as ciências ou áreas do conhecimento pertencem às universidades, à academia, aos ditos intelectuais. Certamente que a academia é o local onde muitas reflexões e teorias são iniciadas, produzidas e sistematizadas. Local onde a ciência é concebida, mas é no cotidiano que as pessoas que não entendem de ciência a vivem plenamente, sem nem perceberem, muito menos notarem que são objetos dos estudos científicos.

Os lugares analisados e destrinchados em seus diversos paradigmas e especificidades dentro dos bancos acadêmicos são vivenciados pelas pessoas que nem pensam nos espaços como estudos científicos, mas como o lugar onde precisam estar, passar, viver, utilizar de alguma forma. Estão mais interessadas nos usos dos lugares e não em suas explicações.

Em contrapartida, os intelectuais se importam mais com as definições, conceituações com questões e relações socioeconômicas, socioculturais, político-econômicas que sejam relevantes e menos com o uso cotidiano ou utilidade dos lugares, por mais que estes, também, assim como todos, vivenciem tais espaços independentes de suas explicações científicas.

Assim são as palavras!!!

Este artigo foi escrito a partir de uma proposta de viagem intelectual ou apenas mental proporcionada pela Geografia e a poética dos lugares. É uma proposta de viagem com ida e volta, com embarque no Brasil, parada em Cabo Verde e retorno ao Brasil – fazendo um caminho inverso do historicamente imposto entre África e Brasil com o colonialismo. Por falta de espaço para se alongar, a viagem não terá outras paradas. Quem sabe, em outra oportunidade – artigo –, esta viagem poderá ser mais longa, com mais paradas, porque não existem limites para as reflexões...

Brasil: embarque no Nordeste

O embarque no nordeste brasileiro é com o poeta do povo: Solano Trindade. Sua biografia começa em 24 de julho de 1908 e ainda não terminou nem tão cedo acontecerá, por conta do seu legado, apesar de seu afastamento terreno ter ocorrido em 1971.

O primeiro Orfeu do teatro começa a sua militância por volta de 1930 no Frente Negra Brasileira "com o objetivo de reivindicar direitos sociais para os negros na sociedade brasileira e combater o preconceito racial que favorecia a miséria e a exclusão social da "massa de cor" na sociedade paulistana." (GREGÓRIO, 2009, p. 10).

Em 1936, em Recife, funda o Centro de Cultura Afro-brasileiro, com a proposta de um teatro social para combater o racismo e preparar, profissionalmente, os jovens. Realiza o 1º e 2º Congressos Afro-brasileiros. Enfim, continua uma vida inteira atuante. A poética de Solano Trindade começa "antes de seu encontro com a negritude", (GREGÓRIO, 2009, p. 25). Mas, o seu caminhar foi descortinando muitos posicionamentos, descobertas e redefinições de identidade sociocultural. Solano Trindade viveu no momento de plena discussão do Brasil mestiço de Gilberto Freyre e foi contemporâneo de outros intelectuais, pensadores e líderes negros. Diante de toda a barreira social que estabelecia a segregação social entre brancos e negros, a manutenção dos negros na pobreza e uma ilusão de libertação sociocultural oriundas de questões raciais, a poética de Solano aflorou e se tornou marcante, não somente pela sua identidade negra, mas também pela sua "identificação com o

continente africano" (GREGÓRIO, 2009, p. 30).

A poesia de Solano circulava pelas suas experimentações e construções de pensamento baseados em suas percepções por fazer parte de uma sociedade racista, circular pela marginalidade de ser negro e em contrapartida por sua intelectualidade aguçada, mas plena de limitações por ser pobre. Tudo isso se agravava em estereótipos externos que lhe criavam por ser comunista e pela sua plenitude de misticismos e religiosidade. E, tudo que a sociedade menos aceitaria, a herança africana como algo relevante em sua vida.

> Sua visão e percepção de mundo foram construídas como desdobramentos em uma "experiência africana imaginária". Uma experiência sócio-histórica de ser negro, que passaria pelo confronto entre culturas de povos distintos. Pela interpenetração de valores dominantes e dominados que possibilitaram a identificação como negro. Projetada ao coletivo na ação política (...) passou a ser um mestiço intensamente negro. Dividido entre dois mundos. Não era igual nem entre a sua classe social. Financeiramente, tudo indica que não ousou grandes vôos, porém, seu capital cultural era compatível com a classe média por onde circulava. Morava no subúrbio do Recife. Cotidianamente, era com a classe pobre que partilhava sua habitação (...) se posicionava na encruzilhada entre duas culturas: a erudita e a popular e tornava essa fronteira mais flexível. (GREGÓRIO, 2009, p. 31)

Solano vivia margeando vários e diferentes mundos, conforme foi mencionado na citação acima, diferentes espaços geográficos com seus diferentes aspectos e relações. A territorialidade[1] do considerado socialmente erudito através do teatro, da literatura e da intelectualidade se esbarrava no estigma social que era criado pelo popular como sinônimo para subúrbio, pobreza, africanidade, sem contar o afro-descendente. Normalmente, a popularização era naturalizada como algo pejorativo.

E como exemplo de sua luta, o poeta une em um só momento, Brasil, Portugal e África, em uma poesia expressando respeito ao erudito, mas uma reverência à sua identidade de herança africana. É o que faz em Canto de Palmares: "Eu canto aos Palmares / sem inveja de Virgílio, de Homero / e de Camões / porque o meu canto / é grito de uma raça / em plena luta por liberdade." (TRINDADE, 1992, p. 50) Neste caso, o que escreve Solano Trindade (1992) está na contramão do que foi e se manteve por tanto tempo como hábito a ser ensinado nas escolas sobre as bases das origens culturais do povo brasileiro com a cristalização da reverência aos portugueses. Quando se retorna ao tempo presente com a Lei nº 10.639/2003, sem titubear, se pode afirmar a participação de Solano Trindade em sua elaboração. Pois, agora se unem lugares, tempos e palavras, assim como posicionamento político-social. Tempos e lugares: no que se reivindicava no passado e infelizmente, ainda nos dias atuais, apesar de ser feito de outra forma e, já se poder visualizar algumas vitórias. Palavras: através da produção literária que deixa fluir ou escapar aqui e ali o que se deseja socialmente e de posturas políticas visualizadas e percebidas no que se percebe nas políticas sociais assumidas.

[1] "Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva." (HAESBAERT, 2007, p. 37)

Destino e parada: África – Cabo Verde

Inspiração e literatura cabo-verdiana

País africano que desde o seu nome desperta muitas indagações entre os mais atentos e curiosos. Isso porque geograficamente um cabo não se parece com um arquipélago e apesar de ter verde em seu nome, o problema mais sério é a seca. Além das muitas indagações da época da chegada dos europeus: era ou não era ocupada? Quantas ilhas? O que encontrar? Serve de base ou possui valor estratégico? Pode se produzir o quê? E assim por diante.

Com relação à natureza, uma descrição de forma sintetizada é dizer que o clima predominante nas terras emersas é o semi-árido provocado pelos ventos sahelianos. O período de chuvas não dura mais que três meses, começando no mês de agosto e terminando em novembro, no entanto, mesmo durante este período de maior densidade pluviométrica a condição para o cultivo das terras não é segura, uma vez que os ventos podem trazer grandes tempestades e destruir qualquer plantação em andamento.

As conjunções das características geográficas naturais não param por aí: para se localizar as ilhas se utiliza a posição do vento, o barlavento de onde o vento vem e o sotavento para onde o vento vai, têm-se então as ilhas de barlavento e as ilhas de sotavento.[2] Mas, o vento que sopra por lá, sopra de todo lugar. Ventos úmidos e frescos como os que vêm de Nordeste e Norte se encontrando no meio do caminho com os do Sul e trazendo o tempo das águas, mas o vento que vem do leste, do Sahara, traz seca, é quente e se chama harmatão ou lestada – nada mal, nome bem conveniente já que vem do Leste. Além dos ventos, também tem vulcão, picos e morros, como se não bastasse tudo isso é cercado por água de todos os lados. Assim que é Cabo Verde, tudo é muito poético. Imagine-se vivendo em um país de poucas dimensões, com vento constante, praias por todos os lados e que para se sair de qualquer lugar ou ir para qualquer outro lugar se precisa de um barco. E navegando nessa geografia caboverdiana, a mente viaja. Vai longe. Talvez seja por isso que a literatura cabo-verdiana seja tão criativa, pois possui muitos elementos de inspiração.

2 O barlavento reúne as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus Raso e Branco; e o sotavento está representado pelas ilhas do Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus Secos ou de Rombo.

E, a geografia em contato com a história de Cabo Verde foi formando peculiaridades na culinária (com a “cachupa”, prato referência), nas artes (pinturas), música (na morna), literatura (com os claridosos), dança (no “torno”), na linguagem (com o crioulo) – no ser caboverdiano. A cestaria (de caniço e côco), a tecelagem e a tapeçaria também chamam atenção. Assim como, as músicas que expressam alegria e sensualidade: a morna, a “coladera” e o “funáná”, além da música de “sôdade” e de amor.

A literatura cabo-verdiana é considerada uma das mais ricas da África lusófona e se apropriou em tudo que pôde das características geográficas e dos rumores históricos. Um movimento importante e bastante conhecido é o Movimento dos Claridosos – surge por volta de 1936 e seus principais fundadores são Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa. O simbólico está sempre presente, talvez por um reflexo da

simbiose de culturas tão diferentes que se miscigenaram resultando na cultura cabo-verdiana.

Na obra de Jorge Barbosa o simbólico é algo bastante expressivo, tanto que:

> o *mar* é e não é o mar; o *barco* é e não é o barco; a *viagem* é e não é a viagem. Tudo depende da perspectiva semiótica ou semântica em que nós nos colocamos. Para o poeta, a segunda perspectiva é o que lhe interessa mais. Daí a razão por que ele apresenta-nos uma *poesia-imagem*, uma *poesia-simulada*, uma *poesia-topo*, no dizer de Maria Elsa Rodrigues dos Santos, uma *poesia-máscara*. (VEIGA, 1986, p. 9)

Sendo assim, a utilização de elementos da paisagem geográfica nos trabalhos de literatura cabo-verdiana – contos, romances e poemas – são bastante comuns, além de criados e recriados a todo instante pela metáfora e semiótica dos escritores. Como é o caso de Jorge Barbosa no exemplo da citação acima que em sua obra a paisagem é recriada de acordo com a sua perspectiva, tornando a sua poesia algo de permanente análise.

Para VEIGA (1986), o poeta utiliza uma linguagem conhecida como a "linguagem-topo" que se divide em símbolo, alegoria e metáfora. Com o uso do símbolo, as formas de evocação dos elementos são feitas por signos, ou seja, o significado é utilizado como significante. Pois,

> [o] poeta não poderia limitar-se apenas à significação dos domínios do indizível, do ilimitado, e do indiviso. Outros aspectos da vida quotidiana deveriam ser moldados e esculpidos, a verdadeira forma, aquela que o poeta queria pintar, estaria por dentro ou então, revestida por um véu. (VEIGA, 1986, p. 11).

Também, a alegoria se faz presente ao lado do símbolo e são considerados importantes recursos de linguagem poética para se fazer entender o que não é tão fácil ou permitido exprimir, ainda, a metáfora seria uma linguagem motivada que depende do significante e do significado para existir.

Logo:

> Na linguagem metafórica existe uma estreita relação de dependência entre o significante e o significado. Enquanto na linguagem comum a relação significante/significado é arbitrária, na linguagem metafórica a mesma é motivada. A metáfora, à semelhança da alegoria, dá-nos um sentido diferente que o literal. (...) Tanto que a metáfora como a alegoria e o símbolo são formas de linguagem figurada, de linguagem motivada; entretanto, elas não são uma mesma coisa. (...) das três formas principais de linguagem – a alegórica, a simbólica e a metafórica – largamente utilizados na poética de Jorge Barbosa, constitui um dado essencial para a compreensão do ⟨⟨arquipélago⟩⟩, do ⟨⟨ambiente⟩⟩, do ⟨⟨homem⟩⟩, do ⟨⟨mundo⟩⟩ e da história ⟨⟨insular⟩⟩ que o mesmo nos descreve, não apenas com a pena, mas muitas vezes, com o pincel, com o buril, com o clarão onírico, em noites sem o luar. (VEIGA, 1986, p.13)

Jorge Barbosa a partir da gramática e da poesia encontra-se entre os mais citados no sentido de tirar partido e contextualizar que a "dominação em terra e da sua gente não se coadunavam, por razões de ordem sociopolíticas, com as potencialidades de significações de uma linguagem comum, literal ou apenas semiótica." (VEIGA, 1986, p. 9). Por isso, a literatura cabo-verdiana não se prende apenas aos aspectos da paisagem e da natureza.

As ilhas ocupadas, a princípio, por imigrantes – europeus e africanos da costa oeste, principalmente Guiné-Bissau – formaram o que hoje se tem de cultura caboverdiana constituindo um arquipélago com tantas peculiaridades físicas – morfológicas, climáticas, geológicas –, mas também econômicas e sociais. O humano trazendo consigo, naturalmente, um romantismo e criatividade, que no caso se tornaram abundantes. Para todo canto que se olhe existe um elemento passível de se tornar inspiração para um poema, um conto, uma poesia, uma música e um poema. Quem sabe, pode-se arriscar serem essas algumas das origens ou fundamentos da criatividade cabo-verdiana como as matrizes de várias origens culturais; visibilidade forte de elementos naturais por se tratarem de ilhas pequenas e questões econômicas e sociais centrais.

Contudo, o uso de elementos da paisagem traduz mais do que descrições geográficas, representam evocações de orgulho e se transformam em elementos de representatividade simbólica importante para se entender o cabo-verdiano. O simbólico está associado ao sentimento que este povo desenvolveu pela sua terra, pelo seu país. Tanto a criatividade quanto o simbólico, ambos são expressos nas artes que compõem o seu dia-a-dia, em sua memória, em sua consciência que se transforma em orgulho. Sendo assim, o cabo-verdiano possui uma ligação muito forte com a paisagem da ilha a qual habita. Elementos como o horizonte, o mar, o céu, o vento, a chuva, a terra, a própria ilha, serão constantes, assim como representam essa forma de ligação pátria, do ser caboverdiano com o lugar.

Mesmo diante dos problemas sociais causados pela longa seca que faz com que a emigração seja grande, seus habitantes se sentem eternamente preso à Cabo Verde. Além do que já foi dito de Jorge Barbosa, a obra de Manuel Lopes também é um bom exemplo.

> Só eu, compreendo o tema / Que compõe este poema / Que a ti vou dedicar. / Sou filho desta cidade, / Sinto orgulho e vaidade / Seres Terra de horizonte e mar.
>
> Por ti nada trocarei / Foi em ti que encontrei / O rumo, e a rota certa.
>
> A ti estou agradecido / És Matosinhos, a cidade do poeta. / Sei que um dia vou partir / Mas não te quero desiludir. / Meu berço onde nasci / A verdade vou escrever / Para no dia em que morrer / Saibas que o Poeta morreu por ti. A cidade do poeta. (LOPES, 2000, p. 15)

Também é possível se analisar essa identidade cultural percebida em Cabo Verde como sincrética, como uma continuidade já que as matrizes culturas são oriundas de outros locais. Ainda assim, a Geografia e

a História de um local não podem ser reduzidas aos aspectos naturais e à relação contemplativa do homem com estes – apesar de tudo isso constar em algumas obras deste período –, mas que os aspectos naturais podem ter um uso econômico e influenciar na política local. A partir de problemas naturais, a vida do ser humano toma rumos econômicos, políticos e sociais, ou o homem o controle e se sobrepõe aos problemas naturais, ou deixa o local, abandonando o arquipélago. Também existem os problemas sociais causados por diversas outras razões que não problemas ambientais – como a seca –, mas por problemas políticos, econômicos etc. Um exemplo de poema ressaltando problemas sociais:

> Ser pobre não é defeito / É a lei da natureza / Se o mundo fosse perfeito / Todos teriam grandeza.
>
> Não haveria maldade / Invejas e egoísmo / Mas sim mais humanidade / Havia paz sem terrorismo.
>
> Como seria tão belo / Ver em cada coração / Um amor puro em paralelo / E viver em união.
>
> Seria um mundo feliz / Para todas as gerações / Não ver um inocente petiz / Ser o alvo dos canhões
>
> Mas é tal ambição / De quem quer ser poderoso / Este mundo é um vulcão / Misterioso, estranho e perigoso. Ser pobre. (LOPES, 2000, p. 32)

Neste caso, ao mesmo tempo que, deseja não ser preconceituoso com a condição do pobre e desejar que a pobreza acabe, o autor naturaliza a pobreza. Tirando da sociedade a origem do problema e trazendo-a para o indivíduo como um defeito natural. Existe uma tentativa de elevar sentimentos de esperança, solidariedade, união, por outro lado o problema socioeconômico é citado, mas não necessariamente é feito uma crítica, apesar da percepção de que o problema é perverso e injusto.

Deixando Cabo Verde com um poema

Com as palavras de Manuel Lopes, deixa-se o arquipélago com um elemento bastante explorado na poética romântica:

> Olhando o céu, meus olhos viram / Luzes belas azuladas / São estrelas que brilham / Nas mais lindas madrugadas (...) Estrelas do céu do porto / Matosinhos, Leça e Gaia O vosso brilho dá conforto / Das Sete Bicas que nenhuma saia.
>
> O Brilho das estrelas (LOPES, 2000, p. 67)

Romantismo caracterizado pelos elementos de beleza da natureza que levam à exaltação e tradicionalmente representado pelo céu, principalmente com lua cheia ou o céu estrelado, madrugada e lugares saudosos.

Vale lembrar que diferentes linhas de pensamento e temáticas são produzidas em Cabo Verde, principalmente na literatura contemporânea.

Retorno ao Brasil – Desembarque Rio de Janeiro

Para encerrar essa viagem, o retorno e desembarque será no local que durante o século XVIII foi considerado o porto que mais recebeu africanos escravizados no Brasil. Mas, como a maioria dos desembarcados eram homens, "pretos novos"[3], o enfoque neste artigo será diferente, pois será a vez de reverenciar as mulheres e escrever sobre a poética das mulheres negras, no caso a geografia poética das mulheres negras.

São inúmeras as mulheres que escrevem sobre a condição feminina de um grupo que carrega múltiplas virtudes, como também muitas denominações e uma série de estereótipos ou estigmas. Que ora se revelam aparentemente como complementos, ora são verdadeiros fardos. Mulheres que escrevem sobre o sentimento; responsabilidades e funções; visão social e relações; do tratamento que recebem de todos ao redor e faz parte de uma sociedade racista e machista; das problemáticas socioeconômicas; autobiografias; protestos e contextos sociais. Apesar de circular em suas escritas várias temáticas, constantemente está presente a herança africana que as une e o pertencimento a uma origem cultural que ora é chamada de preta, ora é chamada de negra, mas majoritariamente carrega imposições de uma sociedade injusta e perversa.

A mãe, menina, criança, jovem, senhora, senhorita, profissional, amante, esposa, prostituta, amiga: mulher. Denominações que ao mesmo tempo são simples e complexas. E, não para por aí, alguns as rotulam como guerreiras – em alusão às candances –, para outros são apenas fortes. Circulam e ocupam vários lugares e cada vez mais atuantes com seus muitos papeis. Mesmo assim, suas formas, sua pele, seus cabelos, seu nariz, ainda não são plenamente considerados como defeitos, como um defeito de cor, segundo Ana Maria Gonçalves (2006). E, para muitos homens, principalmente muitos homens negros são 'apenas mulheres' em alguns outros momentos, o que é ainda pior, são consideradas 'objetos, supérfluos, coisas'.

Na geo-história do Rio de Janeiro foram elas que não só pariam, mas que cuidavam de todos os partos. Criaram quase todas as crianças brancas e negras desta cidade e quando consideravam que não serviam mais eram enviadas às Casas de Recolhimento. Trabalharam arduamente e Debret, em muitas de suas pinturas, as retratou desenvolvendo várias atividades sociais e econômicas, citadinas e rurais. Estavam à frente das casas de santo, tomavam decisões políticas, cuidavam dos estivadores e criaram as conhecidas rodas de samba – as famosas Tias – e o que veio a ser o Carnaval, no espaço onde hoje é considerado o berço do samba carioca – a Pedra do Sal – com suas culinárias e rodas de samba, atividades comerciais de venda de caldos. Ou seja, diretamente povoaram a cidade e ajudaram para que novos indivíduos nascessem. Mulheres que realizaram todo o tipo de trabalho, tanto nas áreas rurais da cidade do Rio de Janeiro, como também na área urbana, no centro da cidade. Basta que sejam analisadas as obras dos pintores franceses que retrataram a vida cotidiana na cidade do Rio de Janeiro no século XVIII que veremos as vendedoras de acarajé, as babás, as vendedoras de tudo, cozinheiras, costureiras etc. Fizeram parte, criaram e transformaram o espaço geográfico carioca.

<?> Como eram chamados os africanos jovens recém chegados na cidade do Rio de Janeiro e que logo após o desembarque seriam escravizados no Brasil. Esses jovens, os pretos novos, que chegavam mortos ou morriam logo após a chegada eram jogados de qualquer maneira em covas (melhor, buracos) à flor da terra, alguns dos locais onde tais fatos ocorriam se tornaram cemitérios clandestinos. Para melhor entender o assunto, um livro que esclarece muito é "À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro" de Júlio César M. da S. Pereira, Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Nas palavras de Miriam Alves se percebe um pouco do que representou e representam as mulheres negras na sociedade brasileira, historicamente no passado e contextualmente no presente:

> Ao pensar a participação das mulheres negras na literatura afrobrasileira, é necessário refletir sobre o passado colonial, as condições de super exploração e a violência vivenciada por mais de três séculos e que perduram na contemporaneidade através da desigualdade de oportunidades e a discriminação racial velada ou ostensiva, revelando a forte dimensão racial que permeia a sociedade brasileira em todos os níveis. Essa sociedade acabou construindo categorias sociais ao longo do tempo, com base em diferenças físicas, ascendência genealógica, sexo (enquanto gênero) e cor da pele, fatores usados na estrutura social, gerando esquemas de valoração que acabam influindo no pensamento cotidiano, na postura intelectual e na representatividade do imaginário nas artes em geral, e na literatura em particular. (ALVES, 2010, p. 60)

As características históricas que permanecem tanto no espaço quanto na memória (individual e coletiva) são como testemunhos de contextos sociais. Para Milton Santos (1986), o espaço geográfico pode ser concebido como um testemunho que:

> testemunha um *momento* de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. (SANTOS, 1986, p. 138)

A poética da mulher negra assume esse poder de descortinar através de suas escritas, vários testemunhos espaciais geográficos que podem ser traduzidos como as questões sociais, fatos atuais ou memórias, fatos históricos, descrição de lugares, elementos culturais, patrimônios, problemáticas raciais, enfim, tudo que preenche um espaço geográfico. Relatando, por meio de suas obras, informações que servem como bases elementares da construção da origem cultural do afro-brasileiro.

Descrever as obras de mulheres poetisas, mulheres negras, não é cabível neste trabalho ou espaço de artigo tão curto. É possível utilizar a afirmação de Sueli Carneiro em seu artigo mencionando que “[as] mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres” (CARNEIRO, 2003, p. 50). Ou seja, neste pequeno artigo e em poucas palavras não há espaço para um contingente de mulheres, apesar de toda sua importância, mas, ao menos duas serão citadas com exemplos de poemas. Uma delas, Ana Cruz, que em seu poema Coração Tição assume sua negritude, sua herança africana e recusa os valores sociais que são impostos aos afro-descendentes para que se afastem de suas origens e identidade. Afirmando que seu destino tem haver com a sua origem e ambos, que o primeiro só pode ser alcançado se o primeiro for conhecido, aceito e respeitado. E, geograficamente Brasil e África permanecem muito próximos, apesar do grande oceano que os separam.

> Quero me lambuzar nos mares negros / para não me perder, / conseguir chegar ao meu destino.
>
> Não quero ser parda, mulata / Sou afro-brasileira-mineira. / Bisneta / de uma princesa de Benguela.
>
> Não serei refém de valores / que não me pertencem. / Quero sentir sempre meu coração / como tição.
>
> Não vou deixar que o mito / do fogo entre as penas iluda e desvie / homens e mulheres / daqui por diante. (EVARISTO, 2009, p.30-31)

A outra, aparentemente bastante conveniente de ser citada neste momento, é Lia Vieira com um poema que se debruça sobre lugares, elementos culturais, belezas naturais brasileiras sem se afastar da temática do feminino e de sua sexualidade. A conveniência fica por conta do poema ser intitulado "Infinita Viagem" e pelo trabalho estar baseado em uma viagem da poética negra, afro-brasileira e africana em sua viagem inversa do Brasil – Pernambuco com Solano Trindade –, parando em Cabo Verde – para exaltar a natureza expressa pelos Claridosos – e voltando ao Brasil – com a geoesia da feminilidade negra:

> As noites cariocas / Descida de Afoxé / Comida mineira / Vaquejada / Tambor de Creoula / As belezas do Pantanal / Pôr-do-sol de Guaíra / Fenômeno das pororocas / O estrondo de Sete Quedas / Canoa quebrada / Arraial D'Ajuda / As eclusas do Tietê / Corrida de búfalos do Marajó / Nada que vi se compara / com o que sinto ao fazer amor. (PEREIRA, s/d, p.3)

A citação acima encontrada em Cadernos Negros e reproduzida por Maria do Rosário Alves Pereira, em seu texto "Por uma poética do negro e do feminino", juntamente com outros exemplifica como o olhar negro feminino pode ser percebido na obra de Lia Vieira. Não especificamente neste poema, mas, em tantos outros que descrevem os aspectos da sociedade e que "trazem um sentimento de assumir-se sim como negro e como mulher, mas também buscam desvendar as mazelas de uma sociedade que insiste em mantê-los numa posição secundária que colabora para a manutenção do *status quo* vigente." (PEREIRA, s/d, p. 4).

Olhar que circula pela feminilidade da mulher e principalmente mulher negra, enunciando os problemas socioeconômicos, os contextos sociais, as heranças culturais, às vezes demonstrando um certo protesto, outras vezes as amarguras, sofrimentos e dores impostas pela sociedade. Particularidades encontradas nas obras de Lia Vieira, de Geni Guimarães, de Conceição Evaristo, entre outras, na poética de tantas mulheres negras. Certamente que "[a]s escritoras negras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da escrita..." (PALMEIRA, s/d, p.4)

Considerações finais

Nem de longe se tentou neste trabalho dar conta de relacionar e analisar todos os poetas e poetisas, literários(as) do Brasil ou países africa-

nos. O trabalho realizado apenas trouxe uma contribuição em forma de reflexão de que as áreas do conhecimento se entrecruzam e a produção literária pode servir de instrumento para se pensar e construir trajetórias dentro do pensamento geográfico. Todo e qualquer lugar possui uma história e uma formação geográfica e a literatura e poética que se desenvolve em um lugar ou sobre este, provavelmente estará repleta de suas características e elementos tanto históricos como geográficos. Torna-se quase impossível dissociar ambos do que se escreve sobre lugares, quando não se trata da paisagem, se trata do modo de vida, do trabalho e das relações, ou seja, os vários assuntos que formam os aspectos geográficos de um lugar.

No caso da cidade do Rio de Janeiro em algumas obras de Machado de Assis é comum encontrarmos bons exemplos. Em alguns de seus contos têm-se verdadeiras aulas de geografia da cidade do Rio de Janeiro com suas descrições das relações cotidianas e da paisagem de pontos da cidade, principalmente dos morros cariocas nos finais do século XVIII e início do século XIX. Como, por exemplo, em Conto de escola, que todo o movimento do autor, meio que autobiográfico, está em torno dos morros da região portuária, do bairro da Saúde e Gambôa, proximidades do mercado de escravizados, valongo, cemitério e porto dos desembarques de pretos novos: Pequena África Carioca[4].

[4] Região de grande concentração de africanos e seus descendentes no século XVIII, XIX e início do XX que abrangia, aproximadamente, o que hoje, na cidade do Rio de Janeiro está representada pelos bairros da Saúde, Gamboa, Morros da Providência, Pinto, Santo Cristo, Central do Brasil, Campo de Santana, Praça Onze e Cidade Nova.

> A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar amanhã. Hesitava entre o Morro de São Diego e o Campo de San´tana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou Campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão. (ASSIS, 2002, p. 34)

Com a citação literário-geográfica de 1840, de uma parte da cidade do Rio de Janeiro, feita por Machado de Assis se finaliza este trabalho. Que pode representar, por uma interpretação geográfica, um questionamento da geografia do lugar em um espaço literário. Ou, um questionamento da geografia da paisagem e da geografia do modo de vida e da sociedade de uma época expressa através das palavras literárias, do conto.

Assim, se encerra este trabalho que pretendeu ser uma tentativa de reflexão sobre a geografia dos pensamentos e dos lugares expressos através de uma perspectiva da herança africana que existe no Brasil seja nos patrimônios que foram deixados historicamente e que são encontrados espalhados pelos lugares – reconhecidos ou não pela sociedade – ou como marcas de memória. Contudo, uma herança africana ainda viva e presente.

Abstract

The Literature can be an instrument to describe, express, translate everything that is thought, felt or experimented. After all, it is not

possible to limit the Literature shapes and uses because this one is free. The hawsers and chains belong to moments and places that keep place in the past, although they resist in the history and people memories till nowadays. The Literature freedom trespass into places, views, people, nature, feelings, thoughts etc. On the other hand, the Geography is always pointed as the geographical spaces science. Each one has its own issues. The fact is that the issues mixed themselves in through the two knowledge areas. In this article is tried to relate the Geography with the Literature and what both of them have in common when they express the thoughts. It is discussed some relations of the Geography and Literature to think about places and the Literature and Geography to localize the thoughts. And, as the African and Afrobrazilian Literature can be good examples for the relation between words and places.

Key words: Geography; Poetry; African; Afrobrazilian; Cape Green.

Referências

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado**: Literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala. 2010.

ASSIS, Machado. Conto de Escola. In: **A garoupa e outros contos**. São Paulo: Martins Fontes. Coleção literatura em minha casa. 2002, p. 33-46.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p.49-58

CARREIRA, Antonio. **Cabo Verde**: Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878). Praia: Edição Instituto de Promoção Cultural. 2000.

EVARISTO, Conceição**. Literatura negra**. Rio de Janeiro: CEAP. 2007.

ÉVORA, José da Silva. As ilhas de Cabo Verde no contexto das interinfluências culturais: Santiago e São Vicente XV e XIX. In: **Revista Africana**. Porto: Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense, 2000, p. 159-170.

FILHO, João Lopes. **Mestiçagem, emigração e mudança sócio-cultural em Cabo Verde.** Islenha. n. 24, 1999.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record. 2006.

GREGÓRIO, Maria do Carmo. **Solano Trindade**: o poeta das artes do povo. Rio de Janeiro: CEAP. 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de janeiro: Bertrand. 2007.

PALMEIRA, Francineide Santos. **Poesia e Memória na produção feminina nos Cadernos Negros**. s/d. Disponível em <http://www.inventario.ufba.br/07/PoesiaEMemoria.pdf>. Acesso em 01 nov 2010.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Por uma poética do negro e do feminino**. s/d. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/liavieira/liavieiracritica01.pdf> Acesso em 01 nov 2010.

PEREIRA, Julio Cesar M. da S. **À flor da terra**: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond/IPHAN. 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 1986.

TRINDADE, Solano. “Canto dos Palmares”. In: BERND, Zilá (Org). **Poesia negra brasileira** - antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992, p. 47-52.

VEIGA, Manuel. Signos e Símbolos em Jorge Barbosa: uma tentativa de análise semiológica. IN: **Comunicação no Simpósio Internacional sobre a Cultura e a Literatura Caboverdianas**, Mindelo, p.24-27, nov, 1986, Comemorativo do 50º Aniversário da Revista Claridade.